



ASSEMBLEIA GERAL
SECRETARIA
DIREÇÃO-GERAL

XLIXª Legislatura
Quarto
Período

COMISSÃO ESPECIAL DE FUTUROS

Pasta S/C

Documento distribuído:
101/2023
27 de julho de 2023

II CÚPULA MUNDIAL DE COMISSÕES DE FUTUROS

Registro taquigráfico da sessão do dia
27 de julho de 2023

PRESENÇAS

Preside: Legislador Rodrigo Goñi

Membros: Legisladoras Graciela García, Gloria Rodríguez e Carmen Sanguinetti; e legisladores Felipe Carballo, Martín Melazzi e Ismael Smith

Secretaria: Sras. María Elena Morán (Secretária) e Joseline Rattaro (Subsecretária); e Sr. Vladimir De Bellis Martínez (Secretário)

COMISSÃO ESPECIAL DE FUTUROS

(Reunião de 27 de julho de 2023)

SENHOR PRESIDENTE (Rodrigo Goñi Reyes).—Havendo quórum, está aberta a sessão.

(São 13h30)

Gostaríamos que Lydia fizesse uma atualização da pauta que vem sendo trabalhada, que continua preliminar, para ver se estamos de acordo ou se temos observações. Ainda estamos a tempo de apresentá-las, e há alguns temas que precisamos definir entre nós em breve.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Vou mencionar três pontos e depois, conforme houver interesse, poderemos ampliá-los.

Uma visão de conjunto da pauta, ou seja, como todas estas atividades preparatórias da Cúpula se conectam com a Comissão de Futuros e contribuem para dois conceitos principais que vêm sendo trabalhados na Comissão e permeiam a proposta de pauta da Cúpula: a governança antecipatória e a antecipação responsável.

Passo agora a descrever em palavras o que seria a pauta. Ela se apoia em quatro componentes temáticos.

O primeiro componente, que será trabalhado no primeiro dia, trata de entrar no contexto de mudança em que estamos. Lembremos que a proposta da Cúpula é sobre a democracia do futuro no contexto da evolução da inteligência artificial. Nessa manhã, o contexto atual de mudança será tratado de três formas diferentes, a partir de distintas perspectivas e práticas.

Uma delas é a primeira mesa-redonda, sobre os organismos internacionais e como esse contexto de mudança — sobretudo os temas da inteligência artificial — entra na agenda internacional. É uma mesa-redonda integrada por representantes das Nações Unidas, PNUD, UNESCO, OEA e diferentes organismos que também vêm acompanhando a Cúpula. Demos a ela o título “Abraçar a complexidade, a incerteza, a surpresa e a ambiguidade para um mundo melhor”.

A segunda mesa — ainda me refiro ao primeiro componente, a manhã de terça-feira, dia 26 — trata dos desafios do trabalho parlamentar em um contexto que exige essa abertura à mudança, ao futuro. Ficará a cargo de representantes da IPU, a União Interparlamentar; do Parlatino; do Parlamento Europeu; do Parlamento Africano; e do Parlamento da Ásia-Pacífico. Ou seja, trazer as necessidades dos parlamentos em perspectiva de futuros, conforme as características de cada região.

A terceira mesa-redonda consistirá no convite a representantes dos desenvolvedores de inteligência artificial aplicada, ou seja, das grandes empresas que estão desenvolvendo e disponibilizando inteligência artificial de diferentes formas. Uma das mais recentes, que gerou bastante impacto, foi o

famoso ChatGPT, ou seja, esses modelos de linguagem que nos colocam diante de uma interação em linguagem natural; é a primeira vez que, como humanidade, nos encontramos em um contexto assim. Isso está sendo debatido nos parlamentos europeus. Embora neste ano os projetos de regulação da inteligência artificial, também chamados de Act, venham sendo trabalhados em 2017, 2018 e 2020, os diferentes projetos não haviam chegado à votação. A emergência da novidade desses modelos generativos de inteligência artificial precipitou o processo. Acho que o Parlamento Europeu votou em junho o primeiro Act — não me lembro bem se foi no dia 14 —, a primeira lei que regula o assunto, baseada em um critério de riscos que vai dos graves aos menores.

Compartilhei com vocês o segundo “heading”, a segunda audiência realizada há alguns dias no Congresso dos Estados Unidos; é muito interessante. Estou transcrevendo as duas horas e meia dessa audiência, que considero um material muito interessante para conhecer o que está acontecendo. Tomando esse tipo de atividade como exemplo, propõe-se esta terceira mesa, na qual acho que ainda não estão definidos os participantes, mas os nomes das empresas sim: Microsoft, Meta, Google e Amazon.
SENHOR PRESIDENTE (Rodrigo Goñi Reyes).—Por enquanto, são essas; outras estão pedindo para participar.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Recomendo assistir a esses vídeos, pois são bons exemplos. Embora isso não vá ser um “heading”, uma audiência, propõe-se justamente que sejam os parlamentares — aqueles que forem escolhidos — a fazer três ou quatro perguntas aos representantes dessas empresas.

Assim, encerramos o componente um, a manhã de terça-feira, dia 26.

Para a tarde de terça-feira, dia 26, está prevista a participação de conferencistas principais, entre eles o Sr. Jerome Glenn, presidente do Millennium Project. É um think tank global que vem trabalhando há vários anos nessas questões da evolução da inteligência artificial e da necessidade de uma governança mundial, situada no âmbito de como se tem conduzido a governança, por exemplo, da energia atômica. Também há certa urgência em gerar condições básicas que possam ser antecipatórias, e não reativas, ou seja, depois de o problema já estar instalado.

Assim, à tarde haveria essa palestra inicial dele e depois mais dois especialistas. Uma delas é Virginia Dignum, portuguesa que vive na Suécia. É cientista, professora, docente e uma das referências em inteligência artificial responsável. Isso dura uma hora e meia. Depois, passaríamos a uma oficina, um workshop, para aprofundar as trocas entre parlamentares em dinâmicas de grupos de 15, 18 ou 20 pessoas. Enfim, isso será definido conforme a quantidade de inscritos.

A ideia é que haja 5 ou 6 oficinas paralelas, nas quais se possam gerar essas trocas a partir das experiências, propostas etc. Serão

moderadas por uma equipe que começará a trabalhar na semana que vem, e a síntese dessa dinâmica de uma hora e meia será apresentada em sessão plenária.

Haverá um porta-voz de cada oficina, que apresentará em plenário, onde se abrirá algum tipo de intercâmbio. Esse segundo componente se encerra à tarde, por volta das 18h00 ou 18h30.

Passamos agora ao terceiro componente, na quarta-feira, dia 27. Pela manhã, está prevista a participação do conferencista principal, Sr. Daniel Innerarity. Provavelmente, essa atividade será aberta a um público maior. Depois de sua exposição de aproximadamente quarenta minutos, intervirão, em formato mais próximo de um colóquio, outros dois especialistas e dois ou três parlamentares, concluindo esse módulo de plenário de uma hora e meia antes de um intervalo. Depois, às 11h00, haverá outra oficina de uma hora e meia, retomando o trabalho do dia anterior e aprofundando questões de comissões de futuros e de governança antecipatória nos parlamentos. Na mesma modalidade, haverá apresentação em sessão plenária e se encerrará esse componente.

Em seguida, haverá almoço e, à tarde, o quarto componente, mais voltado especificamente ao papel dos parlamentos na democracia do futuro, com algumas novidades e transformações. Como tudo se concentra na evolução da inteligência artificial, uma das apresentações principais será a do professor José Luis Martí, com exemplos de como os parlamentos estão integrando inteligência artificial em sua função e prática parlamentar cotidiana. É outra novidade, outra forma de inteligência artificial que diz respeito aos parlamentos: trata não apenas da regulação ou das mudanças que podem ocorrer na sociedade, mas das transformações internas dos próprios parlamentos. Há casos, como o da Nova Zelândia, em que isso vem sendo implementado e estudado há alguns anos. Vários países, como Grécia, Finlândia, Estônia e Lituânia, vêm integrando não só a transformação digital, mas também a inteligência artificial no que se tem chamado de codificação ou, em alguns casos, de reflexão sobre a algoritmização da atividade parlamentar.

A ideia é que esse quarto componente se concentre mais especificamente na atividade dos parlamentos. Haverá uma equipe apoiando a recuperação de todas as contribuições reunidas, tanto dos painelistas e das perguntas e respostas nos painéis quanto das sínteses das oficinas. Tudo isso servirá de subsídio para, à tarde, como última atividade dinâmica, elaborar as recomendações e a declaração final e passar a uma sessão plenária com as conclusões e essa declaração. Ela buscará reunir três aspectos principais: dar visibilidade à importância das temáticas parlamentares em perspectiva de futuros; constituir uma rede global de comissões de futuros ou de espaços de futuros nos parlamentos; e formular recomendações para a Cúpula do Futuro organizada pelas Nações Unidas em setembro de 2024.

Nos materiais que temos compartilhado, tudo o que descrevi está representado graficamente como temáticas principais, às quais se relacionam as demais, tudo contribuindo para uma reflexão sobre a democracia do futuro no contexto da evolução da inteligência artificial.

Busca-se que não sejam apenas apresentações dos conferencistas, mas que essas trocas sejam estimuladas para gerar, nesses dois dias e meio de trabalho, uma espécie de curva de inteligência coletiva. Como dizia, tentaremos recuperar tudo o que surgir e depois sistematizar a atividade, de modo que possa alimentar a SEF.

Como tudo isso se conecta com a SEF, além do que é específico da Cúpula? É uma oportunidade de imersão na temática da inteligência artificial, que está produzindo impactos disruptivos que se somam e se sobrepõem a todos os impactos ou problemas que já possamos ter hoje. Há uma vinculação direta com a transformação do trabalho, com o futuro do trabalho e o trabalho do futuro, temática da Comissão de Futuros neste período, e também se coloca de forma muito clara tudo o que se refere às necessidades de regulação da inteligência artificial.

Como quarto ponto, temos “A inteligência artificial nos parlamentos”, que talvez a Comissão de Futuros possa começar a examinar. É também a oportunidade do “working”, ou seja, dessas interações com outras comissões e outros parlamentos que já têm mais anos de experiência com comissões de futuros, além de uma oportunidade de maior participação na agenda das Nações Unidas para a Cúpula de 2024 e o Pacto Global.

O terceiro ponto — menciono apenas como título — é que tudo isso contribui para um processo que, como tal, leva tempo para fortalecer capacidades de governança antecipatória: passar de agir depois que as coisas acontecem a tentar examinar os problemas e agir antes. Isso está ligado à antecipação responsável, buscando informações melhores e mais completas para decisões mais ajustadas aos processos e aos tempos de mudança em que nos encontramos.

De certa forma, há muita informação disponível, porque tudo isso implicou gerar e buscar materiais. Está à disposição, assim como a possibilidade de aprofundar em outro momento, para que todo o trabalho para a Cúpula não se limite a dois ou três dias em setembro, mas seja percebido como uma contribuição ao trabalho da Comissão de Futuros e do Parlamento como um todo, na medida em que se aproprie do processo.

SENHORA SANGUINETTI (Carmen).—Surgiu uma dúvida enquanto eu ouvia as diferenças entre a modalidade mais de oficina, as exposições dos conferencistas principais e assim por diante. É claro que isso se dirige a nós, integrantes da Comissão de Futuros, e às pessoas que vêm de fora, mas em que medida será aberto a parlamentares e, eventualmente, a estudantes interessados? Ou seja, como será definido o que é aberto e para quê? Talvez ainda não esteja decidido, mas não me parece um tema menor, porque alguns

desses temas poderiam, por exemplo, despertar muito interesse em estudantes do primeiro ano da universidade, e talvez fosse ótimo que viessem. Podemos tomar essa decisão ou não. Acho importante conversarmos sobre esse tipo de coisa em algum momento.

SENHOR PRESIDENTE.—Carmen, a pergunta é muito pertinente, e precisamos definir isso nós mesmos. É uma decisão política.

Acabei de enviar ao WhatsApp a última proposta que Lydia apresentou; é uma pauta preliminar, proposta e aberta. Como somos os integrantes da Comissão de Futuros e se trata de um evento parlamentar e político, somos nós que precisamos definir esse tipo de ação.

Agora vocês viram a parte organizacional, que tínhamos de colocar em marcha de qualquer forma, porque depois seria tarde. Custou muito, mas todos contribuíram até com recursos para realizá-la. Para questões como as levantadas por Carmen Sanguinetti — quem integrar e como fazer isso, havendo a possibilidade de eventos paralelos com jovens —, a partir de hoje precisamos delegar a tarefa a alguns membros, se formos decidir esse tipo de ação, porque somos nós que diremos quem vamos integrar.

Este é um esqueleto, e podemos ficar tranquilos porque ele já está sendo divulgado. Mas todos esses ingredientes, que também dizem respeito a questões políticas que nos cabem, precisamos definir hoje. Temos cinco quintas-feiras antes do evento para fazer propostas concretas, como a da senadora Sanguinetti agora; se as aprovamos, depois buscaremos formas de implementá-las. Também precisaremos delegar sua implementação e execução a membros da Comissão, porque começamos a observar muitas questões logísticas que temos de distribuir.

Senadora Sanguinetti, qual seria sua sugestão ou proposta? Não sei se seria algo para definir agora.

SENHORA SANGUINETTI (Carmen).—Queria apenas saber se algum critério havia sido definido e, em caso afirmativo, conhecê-lo. Se não, acho que é algo em que precisamos pensar; não digo que devemos decidir agora, nesta sessão, mas, como é um tema que desperta tanto interesse, sobretudo nas novas gerações, seria bom ter razoavelmente definido como será a convocação, a quem se dirigirá e quais espaços serão restritos e quais não.

SENHOR PRESIDENTE.—Em resposta a essa colocação: isso não está definido porque não poderia estar.

Lydia Garrido está se dedicando intensamente a isso e está disponível para trabalhar nesse tipo de proposta, como sugere a senadora Sanguinetti, porque estamos a tempo; não depois de o esqueleto estar montado, assim como os elementos principais — financiamento, convidados, conferencistas etc. Poderíamos ter feito antes, mas não houve tempo. Mesmo assim, ainda estamos plenamente a tempo de concretizar isso. É um tema de enorme envergadura política porque, como coloca a senadora Sanguinetti, quem vamos integrar? Há atores sociais muito

importantes: a Universidade, o movimento sindical, os jovens e a academia em geral. Precisamos definir como integrá-los.

Este evento deve ser utilizado de modo que, como bem dizia Lydia Garrido, possamos aproveitar todas as contribuições que surgirem para a sociedade uruguaia, em benefício da qual está sendo feito o gasto com sua organização.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Estou pensando em alguns dos especialistas convidados a falar, como Virginia Dignum. Ela é portuguesa, portanto entende muito bem o espanhol; é docente e atualmente vive na Suécia. É uma consultora de referência de primeiro nível — também para a Comissão Europeia — sobre inteligência artificial responsável, e está disposta a dar alguma palestra em uma universidade e participar dessa iniciativa; basta coordenar com ela. É importante fazer isso o quanto antes, pois a data de sua passagem também dependerá disso.

Precisamos lembrar que a Cúpula começa na segunda-feira, dia 25. Nesse dia haverá muitas atividades porque o Parlatino terá algumas reuniões ligadas ao interesse de constituir um Escritório de Futuros no âmbito do Parlatino. Às seis da tarde dessa segunda-feira será a abertura oficial. Na terça e na quarta, trabalharemos intensamente. Portanto, acho que poderia ser na quinta-feira. Comento isso porque, se houver interesse e quiserem fazer algumas consultas a ela, já posso encaminhá-las.

SENHOR PRESIDENTE.—Para que alguma atividade posterior tenha mais força, mais sentido ou esteja integrada, precisamos encontrar, como dizia a senadora Sanguinetti, uma forma de vinculá-la ao próprio evento. Por isso estamos tentando definir o quanto antes, por exemplo, as conferências plenárias.

Está claro que as oficinas do evento parlamentar terão um âmbito mais restrito, entre parlamentares e moderadores. Esse é o outro ponto que quero definir claramente hoje: os moderadores fazem parte do evento, e essa é uma forma de integrar toda a academia, além dos painéis. Os conferencistas são muito, muito bons.

Sobre a temática, surgem notícias muito importantes todos os dias; os principais congressos e parlamentos do mundo estão tratando dela, e os principais líderes comparecem, como o último que apareceu ontem na imprensa. Nos congressos, dedicam horas a essa questão. Por quê? Já conversamos sobre isso, então não vou repetir, mas direi que a inteligência artificial está incidindo nos processos democráticos. E, quando falo em processos democráticos, não me refiro aos parlamentares, mas aos democráticos. Portanto, isso inclui e envolve a sociedade como um todo.

Portanto, se queremos ser coerentes em nossa abordagem de que o desenvolvimento da inteligência artificial incide, para o bem ou para o mal — também de forma ameaçadora —, nos processos democráticos, deveríamos integrar de alguma forma os diversos setores da sociedade à Cúpula.

Esse é um dos pontos que estão em discussão; Lydia não o passou para o papel porque é um tema que precisamos definir nós mesmos.

Estamos a tempo de fazer isso; precisamos propor e examinar a metodologia para encontrar a fórmula.

SENHORA GARCÍA (Graciela).—Para complementar um pouco a pergunta da senadora Sanguinetti, acho que esse tema interessa não só aos estudantes, mas também às instituições e às universidades. Ouvi que há polêmica em algumas instituições universitárias porque existe preocupação; nem tudo é bonito, bom e positivo, não é? As universidades se preocupam com a forma de encarar esse tema.

Portanto, seria bom buscar uma forma de integrar as diferentes instituições, públicas ou privadas.

SENHOR PRESIDENTE.—Sim, senadora. É isso mesmo, e acho que não podemos evitar essas questões; cometeríamos um grave erro político se evitássemos a questão de como integrar. Isso sempre esteve em discussão, mas não o implementamos.

Por isso, acho que precisamos convocar setores, grupos ou coletivos, mas também os setores claramente envolvidos com a temática.

Acho que deveríamos convocar para quinta-feira, 10 de agosto, toda a academia que participa da Comissão de Futuros e que vem contribuindo com elementos, dados, especialistas etc. Concretamente, proponho convocar para quinta-feira, 10 de agosto.

(Diálogos)

—Deixo aberta a possibilidade de conversar, mas proponho convocar para quinta-feira, dia 10, às 13h00, representantes e especialistas do setor acadêmico ligados ao tema, para discutir a pauta e convidá-los a participar da moderação da Cúpula — teremos várias oficinas e painéis. Algumas instituições que precisamos convocar para esse dia — devemos pensar diretamente em pessoas — são, por exemplo, todas as universidades, inclusive a UTEC; cada universidade trabalha especificamente com inteligência artificial, e alguma com inteligência artificial e democracia. Também instituições como Agesic e ANII, e podemos pensar em organizações sociais que não estejam trabalhando nisso atualmente, mas que possam ser um bom ponto de partida. Considero que o número não deve ultrapassar quinze. Depois, nós, integrantes desta Comissão, deveremos identificar quem poderá participar e integrar esta Cúpula que propomos.

(Manifestações de apoio)

—E vamos conversando sobre possíveis nomes.

SENHOR MELAZZI (Martín).—Talvez isso já tenha sido mencionado, mas gostaria de saber se há planos de transmitir as sessões on-line pela internet. Quero saber se todos esses atores de que estamos falando poderão acompanhar cada sessão, naturalmente de forma organizada.

Também não sei se foi considerada a possibilidade de, quando os principais painelistas forem à frente, haver um breve momento, de quinze minutos,

por exemplo, para que essas organizações façam perguntas sobre o tema tratado — naturalmente, perguntas breves e respostas também breves. Acho que isso daria outra dinâmica e interação. Entendo que, na Cúpula de Helsinque, não foi assim; apenas os painelistas falavam. Acho que isso pode sintetizar o que conversávamos e dar participação a todas as organizações e aos diferentes atores, para que, ao acompanhar, possam fazer suas consultas e obter as respostas pertinentes.

SENHOR PRESIDENTE.—Quanto à transmissão, em princípio a ideia é transmitir as conferências por streaming. Por enquanto, temos três ou quatro conferências.

Não acho bom transmitir os grupos de trabalho, e também não temos como fazê-lo porque precisam ser um intercâmbio. Quanto aos painéis, teríamos de ver se encontramos alguma forma de fazer isso.

A outra proposta me parece uma ótima ideia, deputado Melazzi: integrá-los também por meio de perguntas. Sem prejuízo disso, acho que precisamos buscar uma forma para que esta Cúpula seja desenvolvida por todos os atores importantes ligados à democracia do futuro e à democracia e inteligência artificial, eixo que estamos tratando.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Acho muito interessante o que propõe o deputado Melazzi, e isso nos permite pensar em um desenho paralelo. Temos muitas restrições: uma é que o evento ocorrerá em dois dias; outra é que — vocês estiveram na Finlândia; teoricamente, esta é a segunda Cúpula de Comissões de Futuros — fizemos uma proposta de Cúpula muito diferente, talvez um tanto ambiciosa, mas muito aberta. Pensando nisso, pode haver instituições, organizações e coletivos interessados em participar de forma simultânea e paralela, acompanhando a Cúpula, fazendo moderação e recolhendo perguntas. Como dizíamos no início, vejamos isso como um processo no tempo, e não simplesmente dois ou três dias. Nessa preparação, já estão sendo gerados subsídios e conhecimentos, mas isso também pode ser feito depois.

Então, acho que isso abre um espaço, porque também precisamos aprender a pensar assim, em mundos paralelos simultâneos; abre-se um espaço interessante para ampliar os atores participantes. Por sua vez, nessas dinâmicas de interação também serão gerados diferentes pontos de vista, conhecimentos, interesses e culturas. Isso é bom; acrescenta um pouco mais de trabalho à organização, mas me parece muito interessante.

SENHOR PRESIDENTE.—Temos uma questão de juventudes. Insisto: não podemos deixar de integrar as novas gerações; seria imperdoável.

Portanto, a forma de proceder aqui é pelos partidos e pelas bancadas parlamentares. Acho que precisamos buscar um mecanismo para que pelo menos trinta jovens participem de alguma forma da Cúpula. Seria uma oportunidade extraordinária para esses trinta jovens vivenciarem o tema mais atual, mais voltado ao futuro, mais interessante e mais complexo da política de hoje,

para que possam trocar ideias com os principais especialistas e com parlamentares de todo o mundo que atuam no tema. Pediria a Lydia uma proposta metodológica para que, se concordarem, possamos em breve definir como integrar a nova geração a esta Cúpula, em um grupo de trinta.

O outro ponto é que pelo menos cinco, seis ou sete de nós — sem que seja algo obrigatório — precisamos participar e ter protagonismo nas diversas atividades. Quem participou de outras cúpulas sabe que o Comitê de Futuros organizador participa ativamente, como moderador, em alguns painéis, na abertura, no encerramento etc.

Então, acho que nós também — cinco, seis ou sete integrantes da Comissão de Futuros; precisamos preparar isso desde já, conversar com Lydia e depois definir — devemos ter um papel de visibilidade, pois é o sinal externo de que esse é um tema em que todos os partidos interagem, com todas as visões, já que, naturalmente, é de longo prazo. São esses outros aspectos que precisamos começar a definir a partir de agora, uma vez montada a estrutura.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Se vocês se identificam com as equipes com as quais trabalham e há interesse em se envolver na Cúpula — sabemos que a quantidade de participantes é limitada — ou nessas atividades simultâneas e paralelas vinculadas a ela, estou à disposição para apresentar as temáticas, os materiais e quem vai participar. Todos têm meu contato e estou disponível para participar disso.

SENHORA SANGUINETTI (Carmen).—Certamente, os conferencistas principais que vêm terão não sei quantos livros publicados, mas, se houver algum material, alguns artigos de 20, 30 ou 50 páginas — que não seja ler 400 livros, embora tomara que possamos; alguns eu tenho mapeados e outros não —, seria bom dispor deles.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Obrigada, Carmen.

Tenho aqui, porque este vale a pena do começo ao fim. Na minha perspectiva, este artigo de Daniel Innerarity, de 2020, com vinte e cinco páginas, sobre o impacto da inteligência artificial na democracia é muito interessante. Além disso, está em espanhol; essa seria uma primeira questão.

SENHOR PRESIDENTE.—Lydia enviará a Vladimir para que o inclua no WhatsApp. Além desse trabalho de Innerarity que você menciona, há outro de Jerome Glenn sobre inteligência artificial, futuro, democracia e governança global, que será o tema da Cúpula. É muito atual, também está em espanhol e me parece muito importante.

Também é importante que todos saibamos das contratações dos dois conferencistas principais que apresentam trabalhos. Portanto, esta Comissão precisa ter acesso, em princípio com certa reserva, ao que os conferencistas pedem até que eles o tragam. Nos próximos dias, apresentarão versões preliminares de suas exposições, que naturalmente poderão ser corrigidas depois. Assim que as tivermos, deverão chegar à Comissão. De fato,

embora já venham trabalhando nesses temas, são contratados para apresentar duas exposições por escrito.

Também o conferencista José Luis Martí, contratado pelo PNUD, tem algum trabalho muito útil no âmbito parlamentar, pois faz uma atualização bastante resumida de tudo o que os parlamentos usam de inteligência artificial em diferentes dimensões, nas tarefas de representação e legislação. Além disso, no evento conheceremos coisas realmente extraordinárias que, pelo que sabemos, alguns parlamentos já estão usando. Esses deveres continuam pendentes.

Então, no dia 10, nos reuniremos às 13h00.

Também quero dizer, se a senadora Gloria Rodríguez não se opuser, que precisamos terminar neste ano de 2023 o relatório de trabalho de futuros; falta a área de longevidade, sociedades longevas etc. A senadora Gloria Rodríguez está trabalhando nisso e está preparada. Há uma proposta muito interessante da Endeavor: querem realizar conosco um evento de economia prateada, que acho que é internacional. Comentamos que trabalhamos nisso com a senadora Gloria Rodríguez, e eles entraram em contato.

Assim, a ideia é passar por esta Cúpula, que nos absorve totalmente, e realizar em outubro um grande evento sobre sociedades longevas, concluindo o quinto fator que tínhamos para o trabalho do futuro, para também fazer o relatório final em 2023, como combinamos.

SENHORA GARRIDO (Lydia).—Reitero que estou à disposição para complementar essa questão das sociedades longevas com as relações entre as diferentes gerações.

SENHOR PRESIDENTE.—Esclareço que, quando falo da senadora Gloria Rodríguez, não se trata apenas dela. Quando distribuímos as áreas, uma pessoa ficava responsável pela liderança, mas, naturalmente, é para todos.

Muito obrigado.

Encerra-se a reunião.

(São 14h33)

